

ESSA TAL FILOSOFIA

Engenheiros não costumam admitir muito facilmente intromissões não-técnicas em seus estudos.

É que nós engenheiros somos práticos por “natureza”, primamos pela eficiência, pelo conforto das certezas provenientes do fazer científico. Idolatramos a boa ciência – ciência moderna! –, cartesiana, norteadora da melhor solução, perseguidora incansável da verdade absoluta; entendendo ciência como aquela que nos enche de sucesso, que é norteada pela boa racionalidade, orgulho da sociedade tecnológica.

Bebo nessa fonte desde pequenininho. Meus pensamentos se acostumaram às delícias das certezas, da evolução, do método científico, da grandiosidade do engenho humano.

Durante o meu curso de graduação em engenharia, também fiquei sabendo que essa tal Filosofia é coisa lá dos filósofos, vários deles muito inteligentes e alguns até gente boa, mas que vivem num mundo só deles, num nebuloso universo meio ilusório, utópico, sem conexão mais firme com o nosso mundo real. Essa tal Filosofia seria quem sabe assim uma ocupação para as noites de insônia, para discussões modorrentas num congresso perdido no tempo ou para atazanar a vida de pobres alunos loucos para se deleitar com uma aula prática cheia de dicas profissionais.

Num dia desses me surpreendi, numa turma de engenharia, com um paradoxo desconcertante. Ao mesmo tempo em que vários alunos destilavam sua rejeição – talvez repúdio – pelos assuntos filosóficos, estruturavam lógicas interessantes que bem lembravam uma aula de filosofia para principiantes, algo como se fosse uma filosofia mais caseira, mas certamente um bom início de reflexão. Seus argumentos – meio atabalhoadamente, é bem verdade – procuravam se escorar em silogismos clássicos e em ideias arrastadas do senso comum, mas com lapidações cinzeladas com requintes de racionalidade. Como bons engenheiros, filhos da ciência moderna, positivistas de carteirinha, todos pesavam suas palavras, calibravam seus discursos, encetavam assertivas contundentes para subjugar o inimigo numa só cajadada certa. Quer dizer: traços de filosofia eram brandidos para acuar a Filosofia.

Mas diante das dificuldades em fazer vingar de vez suas estocadas, reformulavam seus discursos, que iam pouco a pouco se sofisticando e se adaptando aos novos elementos desferidos pelos demais colegas.

No mundo da ciência, da tecnologia ou da filosofia as coisas funcionam assim: ao vermos nossas idéias na berlinda, nada melhor que pedir socorro às nossas bases epistemológicas, quem sabe até recorrendo a hipóteses *ad hoc*, para potencializar a dose do veneno letal. A deusa ciência está aí mesmo no altar da razão para nos salvar das incertezas, pensa-se. Temos aqui uma aproximação muito indelével entre o fazer ciência, tecnologia ou filosofia. Nada que ultrapasse ou se afaste de nossa essência humana. De fato nossos fazeres escoram-se justamente nela, são seu fruto, inescapável e bela sina.

Durante a aula, a divina ciência entrou na roda numa tentativa de abater a golpes precisos a tal Filosofia, como se estivéssemos diante de duas entidades apartadas ou opostas. Ou quem sabe até como se elas fossem tentativas excludentes de explicar o universo. Espera-se talvez que, em se batendo firme com um tacape científico na espúria Filosofia, dá-se por encerrada a fatura num só lance. Por isso depositamos aos pés do altar da ciência nossas oferendas em gratidão pela esperança que buscamos alcançar em seu nome.

A Filosofia é mesmo coisa séria: expurgada oficialmente por muito tempo do ensino brasileiro – especialmente o técnico –, parece que não há como nos “livrarmos” dela. Vira e mexe, sempre que dificuldades científicas ou profissionais mais graves nos atropelam, corremos para nos escorar justo nas reflexões que queremos abolir de nossas vidas. Mesmo que travestida com outras roupagens, maquiada de conversas de botequim, disfarçada de planejamento estratégico ou coisa que o valha, a danadinha não nos dá trégua.

Essa tal Filosofia faz coisas! Vai ver ela é uma pedra nos nossos sapatos científicos.